

Mulheres presentes na História de Brasília:



direito à vida

Nancy Alessio Magalhães (Org.)

Mulheres presentes na História de Brasília: direito à vida

Reitor da Universidade de Brasília
Lauro Morhy

Vice-Reitor da Universidade de Brasília
Timothy Martins Mulholland

Decano de Extensão
Professor Sylvio Quezado de Magalhães

Diretor do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Nielsen de Paula Pires

Coordenador do Núcleo Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória
José Walter Nunes

Mulheres presentes na História de Brasília: direito à vida

Nancy Alessio Magalhães
(Organizadora)

Universidade de Brasília
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória (NECOIM)

Brasília, dezembro de 2004.

Arte e capa:
Adrianna Cristina Lopes Setemy

Ilustração da capa:
Fotografia de Marta Litwinczik Sinoti

Diagramação:
Adrianna Cristina Lopes Setemy
Danielle Freire

Coordenadores de pesquisa:
José Walter Nunes, Nancy Alessio Magalhães e Teresa Paiva – Chaves.

Assistentes de pesquisa:
Carlos Henrique Silva Bittencourt, Débora Mendonça Proença Rosa, Edyr Resende Fleisher, Éverton de Freitas Marques, Fabiano Antônio Melo e Silva, Flávia Elizabeth da Silva, Israel Ferreira dos Santos, Kátia Simone Justiniano Bichara, Marta Litwinczik Sinoti, Paulo César Gomes, Regina Coelly Fernandes Saraiva, Susane Rodrigues de Oliveira, Virginia Litwinczik e Viviane Kerry Tomaz do Espírito Santo.

Moradores entrevistados e/ou fotografados (Vila Planalto e Paranoá)
Albaniza Ribeiro Lopes Rebouças, Albino Fernandes Dias, Ana Lúcia Mendes da Silva, Antônia Alves da Silva, Aparecida Cardoso Vieira, Ataíde Pereira das Neves, Carmelita Santana Paiva Alves, Efigênia Fernandes Dias, Elena Madalena Andrade de Souza, Gilene Maria Reis Pereira, Hélio Silva, Jeni Paiva Rodrigues e Souza, João do Violão, Josefa Pereira das Neves, Leiliane Cristina Lopes Rebouças, Leonel Ferreira dos Santos, Lourdes Pereira dos Reis, Margarida de Oliveira Costa, Maria de Lourdes Pereira dos Santos, Maria Silvino Martins (Dona Raimundinha), Maria Vicentino de Cássia (Maria do Chapéu), Nelito Vieira Maia, Raimunda Lima e Santos, Rita Alves dos Santos, Suzana Conceição Mendonça, Teonília Bezerra de Siqueira (Dona Teonis), Wanda Clemente Dias.

Publicado pela UnB – Universidade de Brasília por meio do NECOIM – Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória, do CEAM – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, com apoio do edital 2003 do Decanato de Extensão da UnB.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

M956 Mulheres presentes na história de Brasília: direito à vida / Nancy
Alessio Magalhães (Organizadora). – Brasília : Editora Universi-
dade de Brasília, 2005.
60p.

ISBN 85-230-0819-5

1. História-Brasília- I. Magalhães, Nancy Alessio.

CDU 92

Introdução

Tornar-se mulher na História

Fazem mais de dez anos que -com a equipe do NECOIM-CEAM de que faço parte-venho colhendo memórias de antigos moradores de Brasília, seja dos que residiam nesta região antes da criação do Plano Piloto, no final dos anos 50, seja dos que migraram para participar de sua construção, todos em busca de garantia de sobrevivência, na esperança de conquistar uma vida digna, e/ou mesmo como costumam dizer, da aventura de fazer crescer uma cidade do chão. Através de seus trabalhos e lutas cotidianos para se (re)enraizarem, suas memórias e histórias de vida se misturam com as histórias desta cidade: neste movimento, a fisionomia de Brasília se humaniza e se valoriza.

Ao mesmo tempo, outros migrantes, sem condições de vida em outras regiões do Brasil, continuam a buscar nesta cidade a efetivação de seus sonhos e projetos, como também passam a disputar com os que aqui já residem, sobretudo, uma terra para morar, *o lote* -palavra emblemática, veiculada na mídia local e nacional, principalmente nas disputas eleitorais- face à valorização de terrenos e à especulação imobiliária. Processo que transforma -entre outras criadas como cidades-satélites-o Paranoá e Ceilândia, em áreas não só densamente povoadas, mas aglutinadoras de significativo número de pessoas de baixa renda, e que faz da moradia um dos fatores de exclusão de direitos dessas pessoas. De uma perspectiva mais geral, fenômeno que não distinguiria Brasília de nenhuma outra cidade do Brasil. Todavia, os desafios se colocam quando insistimos em captar e entender suas historicidades.

A história da construção de Brasília, como muitas veiculadas nos meios escolares, na mídia e nos meios acadêmicos, muito raramente coloca em cena perspectivas de outros sujeitos que não tenham sua presença garantida pelo exercício de poderes institucionais centralizadores, como, entre tantos, partidos, sindicatos, órgãos públicos, universidades. Porém, nesse silenciamento, nada existe de conspiratório, assim como quando se interpreta a História de Brasília, entre outras, do ponto de vista do presidente que a fundou, do urbanista que a desenhou ou do arquiteto que projetou edifícios. Esses pontos de vista fazem parte de um campo de disputas entre projetos que visam organizar a sociedade, o qual sempre existirá. Ocorre que alguns setores, que já monopolizam vários campos da sociedade humana, além da memória e da História, pretendem que apenas suas perspectivas sejam veiculadas e investidas de legitimidade como a versão de todos.

Em parte dos próprios conhecimentos dos historiadores, ainda é expressivo o investimento na direção e no reforço de uma continuidade linear, cronológica, geral e abstrata da História, na própria memória desse campo de conhecimento, quase sempre em nome de sua cientificidade. A este respeito, a historiadora Michelle Perrot vem acentuando que a mulher, muitas vezes, é excluída da História, assim como, de modo mais geral, também desta é banido o cotidiano.

Esse cientificismo, que expulsa a vida ética e os sentimentos, é questionado quando o passado se entrecruza com o presente, como forma de modelar a experiência temporal viva. Esta pode emergir, entre outras, na narrativa oral em interação com imagens fotográficas, que ao envolverem história e imaginação, buscam esquivar-se dos encadeamentos causais. O cotidiano tem se revelado na História, deste modo, como campo de improvisação de papéis e de potencialidades de conflitos e confrontos.

Trato, então, de evocar infinitamente outras vozes, outras imagens, outros saberes, outros espaços, outros poderes menos visíveis, para construir outras memórias, outras narrativas da História. Nessa trilha, opto pela interpretação de fotografias e alguns relatos orais transcritos de mulheres moradoras da Vila Planalto e do Paranoá, transformando-os, primeiramente, numa exposição fotográfica, que foi difundida na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, no final 2002, e, ao longo de 2003, no Restaurante Universitário desta universidade, no espaço Renascer dos Pioneiros (grupo de idosos da Vila Planalto) e em duas escolas de ensino fundamental (uma nesta mesma Vila e outra no Paranoá).

Da equipe que organizou essa exposição, em 2002, participaram também Virgínia Litwinczik, Roberta Kumasaka Matsumoto e os alunos bolsistas Fabiola Nogueira Cardoso e Hery Silveira Braga Costa; em 2003, as bolsistas Tayana Ferreira Machado e Vanessa Aparecida Alves Pereira foram monitoras da mesma exposição, então sediada na Vila Planalto e no Paranoá. A partir de avaliações, comentários, interpretações diversas feitos por moradores(as), alunos(as), professores(as) acerca do material organizado nessa exposição, surge a proposta de transformá-lo em livro, aqui e agora materializada. Nessas referidas localidades instalaram-se acampamentos, inicialmente previstos para alojar somente trabalhadores-homens, recrutados para a construção da nova capital do Brasil, entre o final dos anos 50 e os anos 60. Lugares nos quais, por outro lado, também conseguimos identificar e registrar abrigos de memórias de nativos(as) dessa região, moradores(as) anteriores a esta cidade. Brasília foi construída em terras de famílias de Planaltina (hoje administrativa e politicamente definida como cidade satélite do DF); Formosa, e Luiziânia, municípios goianos incluídos no quadrilátero castanho, uma das áreas definidas no relatório Belcher para a construção da capital em 1950.

Procuro compreender, articular, tecer com essas mulheres relatos orais e imagens fotográficas de seu cotidiano em textos, que testemunham acontecimentos e, ao mesmo tempo, também expressam e instituem diversas temporalidades, sociais e culturalmente (re) significadas por tensões, conflitos, sonhos, vontades, desejos. Todos constitutivos de experiências singulares como legados a outras gerações, numa proposta construtivista da História, das relações passado-presente-futuro, abertas a outras possibilidades e desfechos.

As marcas dessas identidades grupais são guardadas por estas mulheres mediadoras, que transmitem histórias vividas e experimentadas, cujo papel é vital para que sejam estabelecidos liames entre as gerações, como os avós no meio da família e os empregados domésticos, que trazem a outras categorias sociais o passado da sociedade reconstruído com olhares e interesses como os de operários, de camponeses. As atividades dessas memórias-mensagens são semelhantes às dos narradores de outrora, tão ressaltados pelo filósofo Walter Benjamin, como aqueles capazes de intercambiar experiências, por meio de marcas do que foi e é vivido, aqueles que têm as qualidades de dar bons conselhos, ensinamentos morais e sugestões práticas.

Nesse esforço de interpretação, também busco os tempos da História remetidos ao tempo da ação, por meio dos relatos dessas mulheres e das fotografias em cena, que alargam experiências da História, não só além daquelas acima aludidas versões, comumente veiculadas, como também além dos vestígios dos acampamentos montados pelas empresas, das vilas feitas pelos (as) trabalhadores(as)-migrantes, e, ainda, dos próprios núcleos de moradia daqueles(as) mesmos(as) nativos(as).

Durante a realização das pesquisas, que fundamentam a feitura de documentários em vídeo, de textos escritos, já editados e publicados, da exposição e, agora, a elaboração deste livro, sempre discuto, com nossa equipe, o princípio de que o local é o geral se fazendo, é uma experiência que tem dimensões de totalidade. E se tenho como referencial que a História não possui determinações fixas, fica sem sentido buscar efeitos ou desdobramentos de uma história geral já estabelecida, porque sempre estariam condicionados a esse parâmetro tido como absoluto.

Estreita-se o campo de visão, na tentativa de ampliar as perspectivas. Em outras palavras, como já ressaltou o historiador Samuel Raphael, podemos escolher como ponto de partida algum elemento da vida que seja, por si só, limitado tanto em tempo como em espaço, contudo, no processo de interpretação histórica, ele precisa ser usado como uma janela para o mundo.

Pela oralidade e pela fotografia, narrativas podem revelar que mulheres se reconhecem como construtoras de tempos-espacos que, por si só, não existiriam, nem em Brasília, como em qualquer outra cidade, seja nos trabalhos da casa, do quintal, de lavar roupa, de conviver com vizinhos, com o sagrado, como nas outras formas associativas de lutas por direitos. A depender da concepção e da lógica que informam nossa experiência, podemos emoldurar, numa narrativa, acontecimentos e instantes por um *antes* e um *depois*, fixos e imutáveis, pela repetição. Mas, por outro lado, podemos também, por outras lógicas e concepções, conferir vida ao passado e ao presente por infinitas e inesgotáveis possibilidades de outras relações e de captação de outras temporalidades. Na fugacidade do encontro entre passado e presente, dois instantes, antes separados, num momento favorável, histórico, juntam-se para formar uma nova intensidade, talvez possibilitar a eclosão de um outro. Aqui, a dimensão temporal não consistiria tanto na linearidade, um depois do outro, mas na contigüidade, um ao lado do outro, não pela continuidade e identidade, mas pela descontinuidade e pela semelhança, entre mulheres e entre estas e outros, no caso deste livro.

Desejo que os fragmentos fotográficos, orais e escritos, de memórias e de histórias de mulheres aqui postos em semelhanças possam estimular, para além de Brasília, muitas outras devoluções de olhares, muitos outros legados no futuro, que se fazem presente, que se fazem passado nas trilhas do atual.

Nancy Alessio Magalhães
NECOIM-CEAME PPGHISTÓRIA-IH/UnB

Brasília, dezembro de 2004.

Éverton de Freitas Marques (1997)



Barragem do Lago Paranoá - DF



Rio Paranoá - DF.



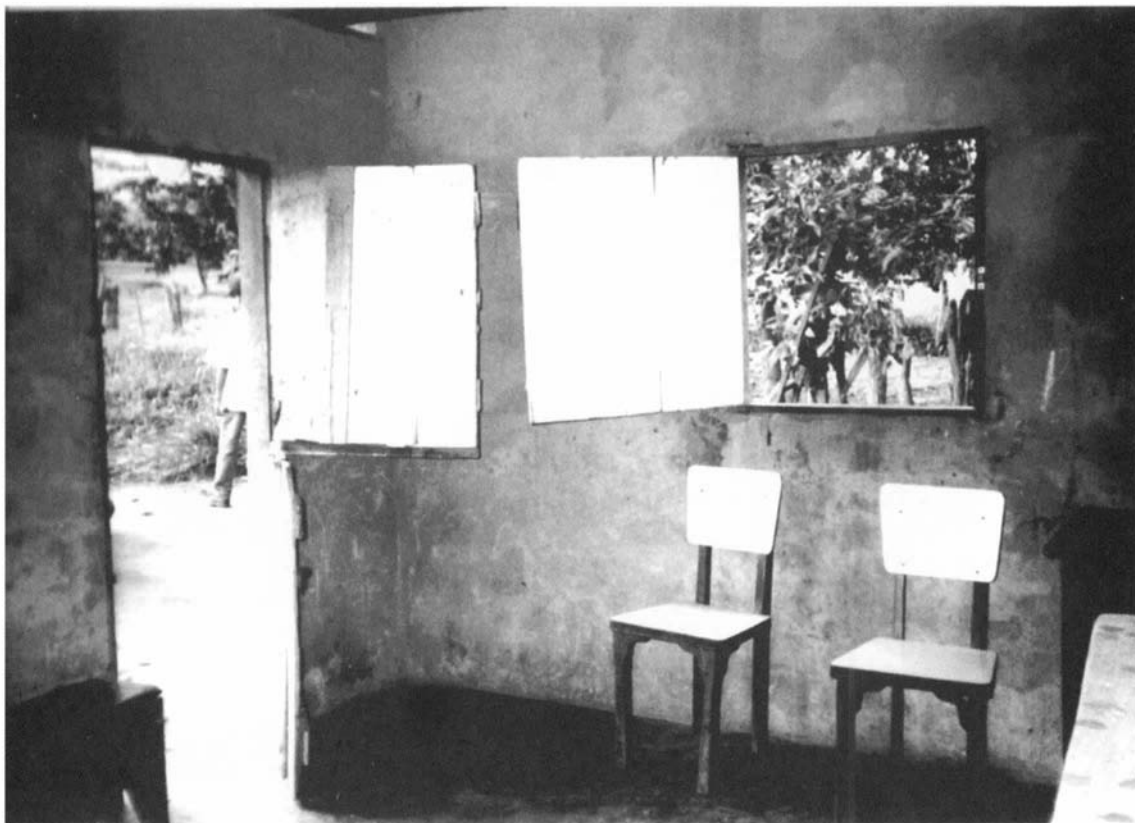
Casa antiga de adobe de Seu Sebastião e Dona Ondina. Paranoá - DF.



Usina da Barragem do Paranoá - DF.



Caneleta d'água - Chácara de Dona Maria e filhos - Paranoá DF.



Casa do Seu Dudu. Boqueirão – Paranoá - DF.



Dona Carmelita em sua casa. Paranoá - DF.

Até hoje poucas pessoas sabe que eu sou daqui. Se vou fazer cadastro eles não aceita que nasci e me criei aqui, pergunta de onde eu vim e eu não vim de lugar nenhum! Eu lembro assim da construção. Quando a gente dava fé, tava aqueles monte de gente lá nos fundo, gente estranha. Então o pessoal – era um povo muito reservado – os homens, todo mundo achava ruim. Porque não tinha aquele costume. A pessoa ia chegando e estranhando. A gente só entra na casa se é convidado, mesmo se é de parente. Então eu sentia atingida naquilo ali, das pessoas ir chegando e entrando. Pegando as coisas assim! E pai mesmo estava contando que, que diz que falava com eles, (os operários) que quando reclamava eles falava desse jeito: “Não, isso aqui é do governo”.

Carmelita Souza de Paiva Alves – entrevista realizada em 1997.

Entrevistadoras: Teresa Paiva - Chaves (pesquisadora) e Marta Litwinczik Sinoti (assistente)



Dona Jeni e filha em sua casa. Paranoá - DF.

Eu nasci em Formosa no dia 7 de abril de 1946, só que meu pai ficava uns tempinhos num lugar, depois ele tinha aqueles tempos de mudar. Aí ele foi passar uns tempos em Formosa e lá eu nasci. Aí ele veio de novo pra cá, pra chácara dele, e eu terminei de criar aí. É esse rio Paranoá, fizeram a barragem, tem a encanação da usina, mas desce sempre a mesma água no lugar do rio. Então, nós morava pro lado de lá, assim bem lá embaixo, onde tem umas chácaras que a gente avista o coqueiral, um mangueiral. Em 58, a minha mãe morreu, a gente já morava aí; foi o tempo que meu pai saiu e foi pra outro lugar. Eu não saí. O Joaquim mora na chácara que era de meu pai; a mãe dele, tia Maria, é tia de meu pai. Hoje tem eles, porque acabou o pessoal, mas era um ruinha assim de gente até o final, que tinha chacinha: o Antonio Goiano, seu Dudu (Ranulfo) e seu Sebastião...que casou com tia Ondina, que morava pro lado de cá do rio.

Naquele tempo, eu era muito católica, hoje sou crente. Com 14 anos eu era chamada pra fazer ladainha. Então a gente fazia biscoito, a minha mãe mesma era fazedeira de biscoito! Esses poucos anos que eu vivi com minha mãe, ela fazia quintandas, assim pras festas. Ela trabalhava a semana inteirinha, até quinze dias, assando biscoitos e colocando no saco, aqueles sacão grande! No dia da festa o pessoal vinha buscar. Fazia doce de canjica, de mamão, de abóbora, aqueles tachão de doce para os dias de festa! Cada família festejava o santo de sua devoção: São Sebastião, Nossa Senhora da Abadia, São Pedro, que era o da minha mãe. Todo mundo ia! Rezava o terço, enfeitava a casa toda, limpava os quintais, tudo, ficava tudo bonito e limpinho. Aí rezava e comia.

Então a gente plantava, fazia horta, alguém tinha sua roça fora, plantava arroz, feijão...Aí foi quando começou Brasília, e o pessoal daqui da barragem ia comprar as coisas lá com a gente. Eu fiquei por dona da casa pra lavar roupa, aquelas coberta de algodão, que minha mãe ensinou a cardar, fiar na roda, no fuso; tecer não aprendi, não cheguei tempo, ela morreu. Fiquei pra levar comida na roça, pisar arroz no pilão, pisar café, arroz, pisar de novo, torrar café...Então esse meu marido, que já faleceu, trabalhava com pedra na barragem, visitava a gente, comprava ovos, galinha. Verdura, chuchu, jiló, maracujá, mandioca, a gente dava, não vendia.

No tempo das manga então, era muita fartura! Saí dali da chácara e mudei pra aqui porque casei. Aí moramos no Paranoá Velho, os homens trabalhavam todos na NOVACAP, a gente era uma vizinhança que tudo considerava família. Só que de sangue, poucos! As pessoas que a gente tem uma ligação até hoje, é a dona Elena do Valdivino, o seu Francisco (Chico Bodinho) e dona Maria, dona Maria, dona Raimundinha do seu Agostinho, a Margarida, a Iracema, a irmã dela, a Raimunda do seu Leonel... Todos esses são diferentes, é da Bahia, do Piauí, do Ceará... Eu sou goiana, meu marido mesmo era pernambucano. Mas a gente se considera tudo uma família. A gente veio pra cá, Paranoá Novo, em 90, mas tá lá até hoje as fruteiras, mangueira, abacate, seriguela, romã, era um lote bem grandão, era uma delícia lá....

Então, como mesmo aqueles que chegaram e foram tantas vezes lá comprar as coisas com a gente, às vezes, não lembram da gente? É isto, muitos não querem admitir que **quando Brasília nasceu, a gente já existia aqui**. Eu vi Brasília nascer! Meu marido veio pra construir Brasília. Só que eles deixam a gente pra lá e podia não ser assim! Ah, a minha irmã Carmelita tem muita coisa pra falar!

Jeni Paiva Rodrigues – entrevista realizada em 1996.

Entrevistadoras: Nancy Alessio Magalhães (pesquisadora) e Edyr Resende Fleischer (assistente)

Teresa Paiva - Chaves (1997)



Dona Aparecida e filho na chácara - Paranoá - DF.

Ceguei em novembro de 62, lá embaixo, no Paranoá Velho. A minha felicidade era os goianos. Eu dava pensão e não tinha armazém, tudo era no Bandeirante, né? Eles vinha vender galinha, vinha vender ovos, vinha vender porco, matava e vinha vender, matava vaca e vinha vender, verdura, tudo vinha vender e eu não dava pra ir todo dia no Bandeirante comprar.

Teonília Bezerra de Siqueira (Dona Teonis) – Entrevista realizada em 1997.

Entrevistadores: Nancy Alessio Magalhães (pesquisadora) e Virginia Litwinczik (assistente).

Dona Aparecida – Meu marido tirava fotografia e vendia os quadros nas chácaras. Chegava lá na chácara de Seu Antônio Calado, era calado mesmo, não tinha conversa. A mulher ficava, mas ele ia pro quarto, ninguém via mais. E os meninos, era muito menino, só via o rostinho deles, assim, de esguia, olhando pelos buracos, sumia tudo. Podia tá tudo no terreiro, quando chegava uma pessoa, sumia tudo. Só a mulher que ficava, ela que era mais ativa, Dona Teresa.

Seu Maia – Eu acho que eles se sentiram um pouco perdidos, mais por falta de orientação de técnicos do governo, que pudesse orientar eles melhor nessas questões fundiárias. Então muitos deles abandonaram, venderam de graça.

Aparecida Cardoso Vieira e Nelito Vieira Maia – entrevista realizada em 1997

Entrevistadores: Nancy Alessio Magalhães (pesquisadora), Teresa Paiva - Chaves (pesquisadora) e Carlos Henrique Silva Bitencourt (assistente)



Dona Teonis e neto em sua casa. Paranoá - DF.



Marta, Dona Margarida, sua filha, em casa, e Nancy. Paranoá, DF.



Lançamento do livro “Memórias e Direitos: moradas e abrigos em Brasília” - Creche São Judas Tadeu. Paranoá - DF.

Seu Hélio, Flávia, Seu Ataíde e Dona Josefa, Lourdes, Débora, Seu Maia, Seu Galego e Dona Elena.



Dona Raimunda, Seu Leonel, Marta e Carlos. Paranoá Velho - DF.

Teresa Paiva - Chaves (1996)



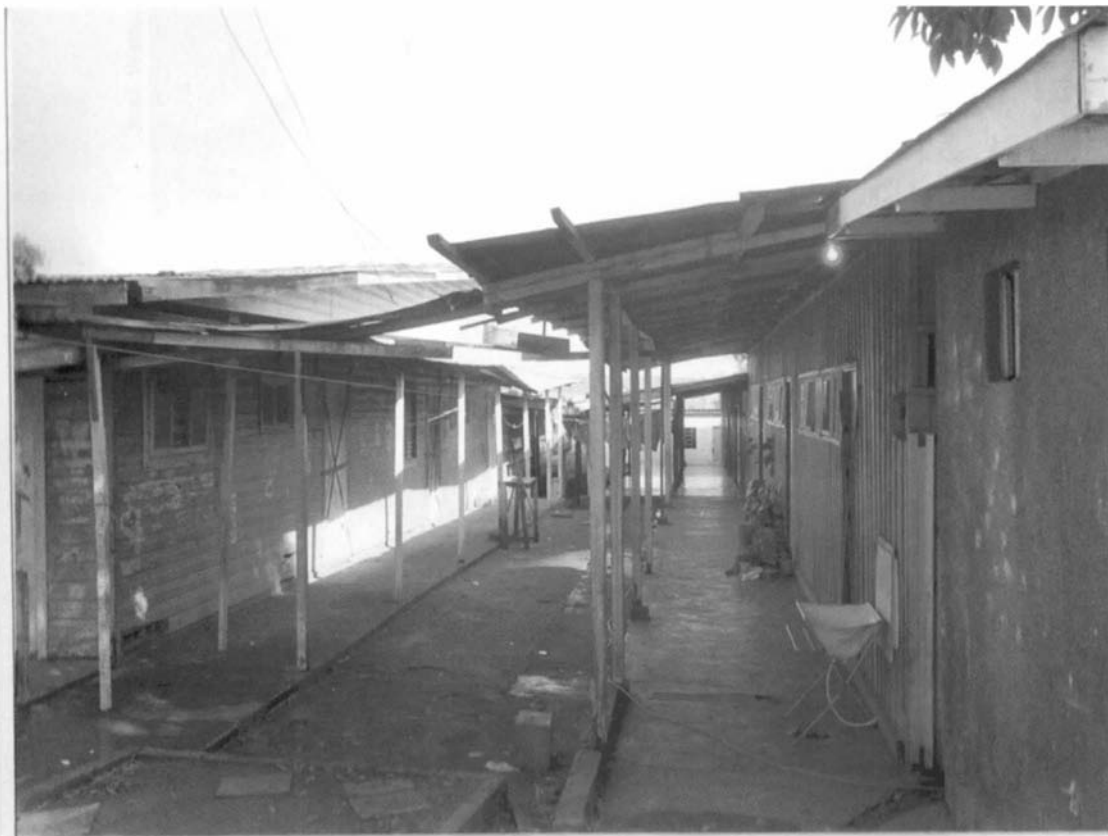
Plano Geral do Paranoá, Plano Piloto ao fundo.



Local da extinta invasão. Vila Planalto - DF.



Casa oriunda de acampamento. Vila Planalto - DF.



Primeira escola (desativada) - Vila Planalto - DF
(Acervo SCE - Depha - GDF).



Quintal da Dona Lourdes. Vila Planalto - DF.



Dona Maria Raimundinha em seu quintal. Paranoá Velho - DF.

Eu nasci no Piauí, fui criada sem pai nem mãe, ganhava uma mixaria. Aí, vim pra cá. Brasília era um cerrado grosso. Chovia muito, Ave Maria! Hoje em dia tá é quente, quente. Brasília tá é quente agora, mas era um frio da moléstia! O tempo mudou demais.

Em 57 morei na Vila Piauí, era ali embaixo da barragem, acolá! Eu já morei no meio dessa água aqui, a água corria por um rego de canoa antes. Eu morava debaixo do pau quando cheguei aí, numa pedreira. Quando estava formando a barragem, eu pegava os sacos de cimento e mandei fazer um barraquinho com os sacos que jogavam fora. Disseram que todo mundo tinha que sair daqui, mas foi juntando mais gente. Hoje a igreja tá ruim aí, porque tiraram tudo dela daqui. Acho que devia ficar, endireitar tudo, mas não quiseram.

Tinha uma pedreira ali embaixo da barragem, aí ele [o marido] veio e disse que arrumou um patrão, um serviço de quebrar pedra. Aí ele voltou mais o patrão, o espanhol, e me trouxe pra fazer comida pro povo da pedreira, que não tinha onde eles comer. Aí chegamos na pedreira debaixo do pau, na beira do córrego, a água era bem estreitinha, a gente atravessava na ponte que tinha. Aí fiquei lavando roupa pra eles, passando ferro com ferrinho de brasa e cozinhando. Com uma colega que chegou, nós juntava as pedrinha, aquelas pedrinhas que quebrava das pedras grandes, e vendia pro patrão. Este era um dinheirinho pra comprar um quilo de carne.

Eu sei o que eu sofri, porque eu graças a Deus, trabalhando, morrendo de trabalhar, ganhei meu dinheirinho. Nunca fiquei sem trabalhar, agora porque estou aposentada. Graças a Deus eu já construí meu barraquinho. É pequeno mas tá bom, só saio pro cemitério.

Maria Silvino Martins (Maria Raimundinha) – entrevista realizada em 1995.

Entrevistadores: José Walter Nunes (pesquisador) e Suzane Rodriguez Oliveira (assistente).



Dona Suzana em sua casa. Vila Planalto - DF.

Nesse tempo não tinha lavadeira e minha cunhada arranjava muito lavagem de roupa e não dava conta. Ninguém podia entrar, tinha um guarda aí. Ah! Eu lembro! Isso foi em 60. Eu lavava roupa pra esse povo que mataram. Um deles morreu nessa briga. Foi por causa de comida fria, não sei. Tinha uma cantina aqui na Pacheco Fernandes. O homem foi reclamar e aí começou a briga, matou várias pessoas. Deu a conta de 40. Eu vim trazer a roupa logo em seguida e o guarda – pessoa que recebia a roupa pra entregar-me disse: “Não, esse rapaz foi morto, ele não existe mais”. Aí eu deixei e falei: “O senhor dá pra alguém, que precisa”. É, era má a GEB [Guarda Especial de Brasília], aqui tinha tanta GEB. É, atirou que matou tanto de pessoa. Eu não cheguei a ver. Eu já passei por cada perigo nessa Vila!

Suzana Conceição Mendonça – entrevista realizada em 1992.

Entrevistadores: Teresa Paiva Chaves (pesquisadora) e Israel Ferreira dos Santos (assistente).



Dona Rita em sua casa - Paranoá - DF.



Dona Lourdes (da diretoria da Associação de Moradores)
em sua casa. Vila Planalto - DF.



Quintal da Dona Lourdes - brincadeira de casamento. Vila Planalto - DF.



Quintal da Dona Lourdes - mesa de brincadeira de casamento. Vila Planalto - DF.

Regina Coelly Fernandes Saraiva (1993)



Dona Antonia.Vila Planalto - DF.

Nasci em Goiás. Eu vim pra cá porque minha irmã já morava aqui. Aí eu vim morar com ela. Agora ela já mudou. Eu continuei. Fiquei. É um local bom, não só na Vila, como em Brasília. Isso apega muito a gente. Aqui é um dos lugar que dá mais chance pra pessoa estudar. Mas certas coisas é mais difícil, sabe? Transporte, tudo aqui é mais caro e o salário é igual.

Comecei a trabalhar na barbearia, porque o meu marido adoeceu. Ele era barbeiro, eu fiquei substituindo. Aí ele veio a falecer e eu continuei. Era uma profissão mais fácil pra mim, para cuidar dos meus filhos e ficar perto, pra não deixar com os outros. É como outra profissão qualquer. Às vezes tem gente que diz: “Ah, mas isso não é profissão de mulher”. A gente nunca sabe, de repente, amanhã...é aquela que pode, né? Todas as profissões, se as mulheres lutarem...Achar que “essa profissão é de homem”, não tem nada a ver. As pessoas até me chamam eu de barbeira, muitas falam “Antônia”, às vezes nem sabem quem é. Aí fala: “É a barbeira”, “Ah, já sei quem é!” Aí as pessoas acostumam.

Tenho quatro filhos, todo mundo está estudando. Uma luta! Mas vamos à luta e aí a gente vence. Não se consegue nada fácil. Que tem muita gente que diz que assim pro pobre continuar aqui, vai ser muito difícil, porque vai ser tudo muito caro. Mas, mesmo que for pagar IPTU, que for uma vez por ano, então, a pessoa já sabendo, já reserva aquele, né não? Agora, se você achar que as coisas são difíceis e ficar só aí pensando e não agir, acha que a vida é difícil. Pra quem é mole, né? Se você saber lutar, você vence. Só cerquei o lote. Aí eu arrumei um rapaz ali, faz menos de um mês, aí ele vai fazer um portão pra mim começando com o material, construindo, vai com calma, né? Quem tem muita grana faz logo. Quem não tem, vai fazendo devagar. Esses tijolos é pra eu fazer o barraco do fundo, né? Porque aí, a gente sai morando e construindo ao mesmo tempo. A situação está difícil pra todo mundo. Eu sempre lutei pra ficar. Eu sempre gostei daqui. Muita gente não tinha fé que a Vila Planalto continuava. Eu sempre falei: “Se a Vila Planalto acabar eu sou a última a sair”. Tinha gente que não tinha aquela esperança, não tinha fé que ia ficar, né? Exatamente porque a Vila Planalto é entre dois palácios. Eu falo: “A esperança é a última que morre”. Sabe aquela coisa que você tem, aquela intuição? Você lutar, é, parado num pode. Por isso uns faziam passeata, às vezes iam ali pra frente do Palácio. Às vezes, as minhas meninas mesmo até ia, não sabe? Ia a turma do colégio, todo mundo participava.

Ah, sempre aonde a gente mora, sempre uma planta tem, é manga, pé de jambo, goiaba, abacate. Sabe, o meu pai gostava muito de planta, minha mãe, era horta, ela plantava. A gente nunca pode comprar verdura, sempre teve em casa.

Meu pai gostava, ele tinha chácara de tudo que é fruta que quisesse, sabe? Se você quisesse mamão tinha, se você quisesse laranja, abacaxi, de tudo ele plantava. Então, sei lá, não sei se é pela forma que fui criada que eu gosto de planta, talvez seja por isso, né?

Eu acho que a luta das pessoas não devia ser esquecida. É uma coisa muito importante, talvez serve pra outras pessoas seguir o mesmo exemplo. A pessoa que quer alguma coisa tem que ir à luta!

Antônia Alves da Silva (Antônia da barbearia) - entrevista realizada em 1993.

Entrevistadoras: Nancy Alessio Magalhães (pesquisadora) e Regina Coelly Fernandes Saraiva (assistente)



Efigênia, Seu Albino, em sua casa, recebendo uma vizinha.
Vila Planalto - DF.



Sala da casa de Dona Teonis.



Interior da casa de Dona Aparecida. Vila Planalto – DF.



Reunião do Conselho de Moradores - Vila Planalto - DF. (Acervo SCE - Depha - GDF).



Reunião na extinta Vila Piauí (acervo de Dona Teonis - sem data e autor ignorado).



Ana Lúcia - Obra Kolping. Vila Planalto- DF.

Eu nasci numa fazenda no município de Goiânia no dia 10 de junho de 1960. Minha experiência começou bem cedo na vida. Quando estudante, na escola, eu sempre fazia parte dos principais movimentos escolares. Aos 16 anos, na igreja lá em Goiânia, comecei a fazer parte do grupo de jovens. Chegando aqui em Brasília em 1985, foi aquele tempo quando foi criado o grupo das Dez, devido à inoperância da Associação de Moradores. O presidente da Associação na época era quem havia sugerido a criação do Clube das Dez, só que o grupo de famosas mulheres como Maria do Chapéu, Albaniza, Dona Wanda, Soberana, Floriza, a Icila, a Fia, a Benedita, a Aparecida Arantes racharam com ele porque passaram a perceber que o que ele queria mesmo era manipular o grupo e impor uma diretoria do Centro Social.

A gente passou mau pedaços na época, enfrentou muitas situações, de conflito mesmo, uma discriminação mesmo porque o grupo era de mulheres. Mas a gente levantava a cabeça e não tava nem aí. Eu tinha uma criança recém-nascida, pra mim era difícil comparecer a todas as reuniões que aconteciam à noite, às vezes todos os dias da semana. E assim foi que nasceu a primeira diretoria do Centro Social da Vila Planalto. Foi uma luta muito grande.

Os mais jovens encabeçaram a luta. Mas aquele pioneiro, que chegou e ajudou a construir o Palácio do Planalto, o Palácio da Alvorada, que ajudou na construção do Lago Paranoá, foi quem garantiu nosso espaço, ao contrário dos muitos que foram se cansando e saindo. Permaneceram e fincaram os pés aqui. “A gente não vai sair, a gente vai ficar é aqui, nós não somos invasores! Aqui foi criado os acampamentos, por isso nós estamos aqui!” Se alguém não arregaçasse a manga e não fosse à luta, alguma coisa séria ia acontecer com a Vila Planalto, que certamente era a retirada do povo daqui, porque até então a gente tinha que morar nos barracos caindo aos pedaços e ninguém podia bater um prego.

E a menina Leiliane, filha de Dona Albaniza, ia acompanhando a gente. Ela furou a segurança, pediu a permanência da Vila Planalto por ela e pelas outras crianças, numa carta ao Sarney. Então, a gente tinha que chegar diante do governo e falar e tentar negociar. Devido a essa necessidade das pessoas ligadas ao Centro Social estarem muito diretamente no trabalho de assentamento dos moradores da Vila Planalto, elas se desligaram do Centro, ele passou quase um ano de portas fechadas, foi quando a gente concorreu às eleições. Foi quando a gente teve a idéia de levantar a padaria, numa intenção de transformar numa padaria comunitária. A gente sabe o que quer e o que a gente quer é ficar na Vila Planalto. A gente não deixou se levar por nenhum político. Chegava aqui dizendo que o bom era isso ou aquilo pra nós. Depois eles vão embora e a gente não tem compromisso com nenhum deles. Nosso compromisso continua sendo com a comunidade.

Ana Lúcia Mendes da Silva – entrevista realizada em 1993.

Entrevistadores: José Walter Nunes (pesquisador) e Kátia Simone Justiniano Bichara (assistente).



Padaria - Centro Social. Vila Plalnalto - DF.

Carlos Henrique Silva Bittencourt (1997)



Reunião para debate de gravação de vídeo: Gilene, Zelinda, José Walter, Viviane, João do Violão e Virgínia, Teresa, Nancy e Lourdes. CEDEP - Paranoá - DF.

Eu nasci em 29 de agosto de 55, em Minas, Paracatu. Em Brasília eu cheguei com nove anos e fui morar na Cidade Livre, que era o Núcleo Bandeirante. Quem veio para o Paranoá primeiro foi a minha irmã mais velha, que é casada. O barraco da minha irmã ficou pequeno, então nós fizemos um barraco pra nós. Aí foi morar minha mãe, eu e um irmão. Mas, a minha inserção na comunidade começou na Igreja São Geraldo, já existia um grupo jovem aqui. A gente foi pras ruas com a intenção de fazer o trabalho da Bíblia, discutir com a comunidade questões religiosas. Só que, quando a gente chegava a entrar nas casas, eram tantos problemas! A gente falava da questão da igreja, mas as pessoas acabavam dizendo que não tinham água, luz, tá entendendo? A gente sentiu, então, que na comunidade havia, na verdade, uma insatisfação geral com a forma como as pessoas estavam vivendo, que até então a gente não havia despertado pra isso. A gente despertamos e disse: “ Então não vai ser mais Grupo Jovem, vamos transformar esse grupo em Pró-Moradia.” Foi nesse grupo aí que a gente começou a discutir alfabetização, então nasce aí o Grupo de Alfabetização.

Nós tínhamos o pessoal que era mais antigo, aqui na comunidade, que participou da construção da cidade e que morava no acampamento. Os mais antigos contam que era até cercado de arame farpado. Só que foram chegando mais pessoas e foram arrebitando esses arames e a partir desses arames é que o Paranoá vai crescendo. Existiam praticamente dois grupos: o grupo do acampamento e o grupo dos invasores, que era discriminado pelo grupo dos pioneiros, o pessoal do acampamento, que estava construindo a barragem. Essas pessoas temiam que a chegada de novos moradores pudesse atrapalhar a luta pela fixação. E nós sabemos que era exatamente o contrário. Eles falavam: “Estão chegando aqui, acabando com nossa água, acabando com tudo.” No início não foi um mar-de-rosas não! Teve conflito. As pessoas foram entendendo que, quanto maior fosse a luta e maior o número de pessoas lutando, mais fácil ia ser pra conseguir.

Um dos trabalhos mais fortes, que tinha naquele momento na Associação de Moradores, era o trabalho de cultura e educação. O presidente que assumiu disse que aquilo não era prioridade. Então o grupo discutiu e viu que não tinha como acabar com o grupo de Alfabetização. As pessoas estavam aprendendo e os trabalhos estavam dando certo, a parceria com a UnB estava dando certo. Foi aí que a gente resolveu então formar o CEDEP, que é o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá. Eu me lembro que a gente ia para as reuniões discutir essas questões de água, esgoto e de fixação.

Foi um momento muito difícil. Foi todo mundo pra rua, em defesa dos lotes das pessoas que estavam saindo do aluguel. E nós resistimos com esse povo lá, na entrada do Paranoá. Foram precisos quatro homens pra me prender. Eu fiquei com uma força que eu, até hoje, eu não sei explicar pra você de onde ela veio. Eles só conseguiram me prender, porque eles conseguiram rasgar toda minha roupa e me expor diante da comunidade. Quando eu saí de lá, eu me senti mais forte.

Com a desavença implantada na comunidade, o povo começou a ficar inseguro e aceita a proposta do governo, que é de sair desta área pra uma nova área. Por mais que você tenha consciência das coisas, tem hora que a necessidade fala muito mais alto. Agora, ninguém vem me convencer de que pobre não pode morar num lugar bom, bonito, numa paisagem como essa que nós temos aqui! Ninguém me convence disso; nem naquela época me convencia! Nós nos organizamos pra conquistar a quadra dos pioneiros, que foi a Quadra 2. Essas pessoas, que moram hoje na Quadra 2, que colocaram advogado, foram pessoas que resistiram e foram os últimos a sair. **Tudo o que fazíamos era porque sabíamos que tínhamos direito.** Devo daqui pra frente conseguir construir minha casa da forma que eu quero, se Deus quiser! Este sonho estou realizando, graças a Deus!

Maria de Lourdes Pereira dos Santos – Entrevista realizada em 1997

Entrevistador: José Walter Nunes (pesquisador)



Dona Vanda, Maria do Chapéu, Benedita, Dona Albaniza, Nancy e Leiliane. Escola de 1º grau. Debate do documentário “Mãos à Obra em Brasília”. Vila Planalto - DF.

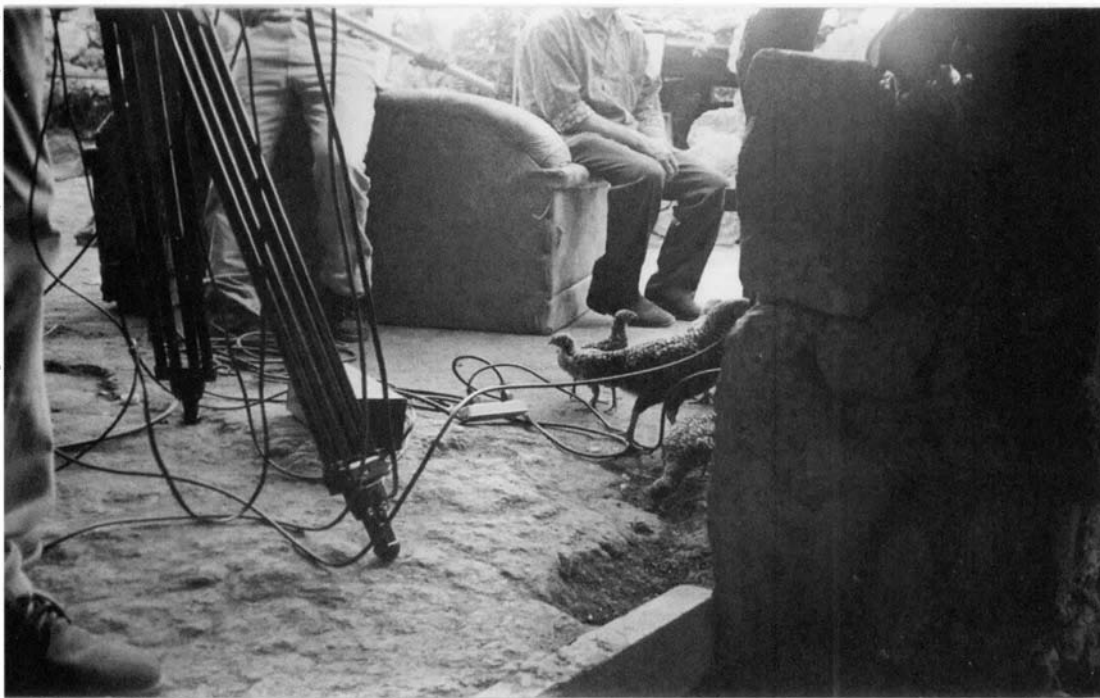


Igreja de São Geraldo - Paranoá - DF. (Acervo SCE - Depha - GDF).



Igreja Nossa Senhora do Rosário. Vila Planalto - DF.

Viviane Kerry Tomaz do Espírito Santo (1997)



Chácara de Seu Maia e Dona Aparecida. Boqueirão - Paranoá - DF.



Filha de Seu Maia e Dona Aparecida, em frente ao cine foto Maia. Paranoá, DF.

ISBN 85-230-0819-5



9 788523 008192



Universidade de Brasília

CEAM

NECOIM

**DECANATO DE
EXTENSÃO**